

Sermão de Vitorino de Sousa aos carapaus

Caríssimos carapaus:

Dado que, em conversas anteriores, infelizmente não registadas, vocês já deram provas de serem ouvintes atentos, peço-vos que se cheguem a mim outra vez, pois preciso de desabafar. Já sabem que, grão a grão de frustração encho eu o papo, pelo que, de vez em quando, preciso de regurgitar.

Antes de começar, porém, umas quantas palavras de gentileza, para vos confessar o meu júbilo por ainda não terem ido parar à grelha ou à frigideira do escabeche. Se algum dia tal acontecer, todos vocês sabem bem como lamentarei o vosso infortúnio e criticarei a alegria enfartada dos comensais. Mas não ficarei preocupado por ter perdido a audiência: por enquanto, o que não falta nos sete mares – agora imensamente navegados por barcos de pesca sem consideração nenhuma – é carapaus! Findada a gentileza, vamos ao que interessa:

Vocês ainda não devem ter reparado que muitos elementos do cardume humano estão a ser empurrados para uma fase fundamental da sua evolução. Em consequência, são inúmeros os que se vêem metidos em alhadas afetivas, familiares e profissionais, sem saberem como sair delas. Um desatino do caneco! Generalizado. Alguns desses meus irmãos, dizendo que é do carma, põem-se a comparar a intensidade dos seus infortúnios, como se dispusessem de um carmómetro para medir qual dos sarilhos é o mais desesperante.

Na verdade, há milhões de anos que este mundo está entregue à bicharada. O seu destino, porém, já fora traçado pela lapiseira do Supremo Arquiteto. De forma que, um dia, o Bicho-Mor - bastante mal enjorcado, diga-se - poisou a sua nave na Terra e nunca mais de cá saiu. Ora, humanidade que torta nasce, tarde ou nunca se endireita, passados muitos milhares de anos, a coisa deu no que deu.

Portanto, há milénios que a Humanidade está emaranhada na complexa teia da imperiosa necessidade de evoluir, porque o referido Arquiteto não quis, ou não foi capaz de a criar já evoluída, o que me leva a duvidar se Ele era realmente Supremo. No que toca àqueles degraus da evolução que são realmente fundamentais, o resultado é minúsculo: andamos de Iphone, tiramos selfies pirosíssimas para alimentar a nossa vaidade, mas, genericamente falando, continuamos com a mente tão dura como ferro do portão da quinta da minha avó. Bastante brutinhos, quero eu dizer. Se não, reparem na facilidade com que se quebra o verniz.

Como já aconteceu várias vezes no passado, presentemente está outra vez a crescer a pressão dentro da caldeira. Uma vez que quem sai aos seus ancestrais não degenera, os mais de sete biliões de criaturas, que atualmente estão neste planeta, sentem que a coisa não está fácil. E como aprenderam que, quando há tempestade, o mais avisado é ficar em casa à espera que passe, aí estão eles repimpados na modorra, à espera de melhores dias. Resultado: o cardume humano não sai da cepa-torta.

Não fiquem admirados, amigos carapaus, por eu ter usado o termo "cardume" estando a referir-me aos meus irmãos humanos. Não há que estranhar: afinal, tal como vocês, também eles se viram, em grupo, para a direita ou para a esquerda, para cima ou para baixo. A diferença é que vocês obedecem a uns impulsos estranhíssimos (que ainda ninguém conseguiu perceber qual o carapau que os imite), ao passo que, no nosso caso, é bem sabido quem nos faz virar para aqui ou para ali. Os carapaus permanecem todos juntos para se protegerem dos predadores; os humanos, para irem ao encontro deles.

Bem gostaria que a espécie *Homo sapiens* fosse como a vossa, que se limita a cirandar por aí, constantemente, de um lado para o outro, à procura do que lhe faz falta: principalmente comidinha e carapaus. No cardume humano, porém, a vida decorre de uma maneira completamente diferente. Por mais que o cardume seja avisado (pela parte que me toca não tenho feito outra coisa há mais de quatro décadas, recorrendo a muitas formas e estilos de comunicação), eles continuam a comportar-se estranhamente.

Se vocês, respirando fundo, dessem um saltinho aqui acima, também veriam o cardume a cirandar de um lado para o outro, à procura do que julga que lhe faz falta, mas, bem vistas as coisas, não faz falta nenhuma. Os componentes do cardume andam distraídos e alienados, mas dizem que estão ocupados. E, virando-me as costas, rosnam que eu não tenho nada com isso. E, realmente, não tenho. Só que, de vez em quando, eu sinto necessidade de olhar para o que está fora de mim, para descansar da cansaça de olhar para dentro. Se vocês me questionarem acerca da génese desta necessidade, não saberei responder-vos. Coisa de vidas passadas, imagino eu.

Então, porque é que a matulagem que forma o cardume humano não sai da cepa-torta?, perguntariam você, se pudessem.

Meus amigos: eles não saem da cepa-torta porque, quer individualmente, quer coletivamente, têm medo das consequências de passar para a cepa-direita. Por muito estranho que vos pareça, a cepa-torta dá-lhes segurança. O que eles não há meio de perceberem é que a cepa-torta ajuda a criar hábitos daninhos. Milhões deles! Dois há, porém, que se destacam claramente por estarem relacionados com funções básicas de qualquer espécie: a alimentação e a reprodução.

No nosso caso, como alguns dos nossos genes andam a coxear, essas duas funções básicas são experimentadas sob a forma de compulsão por comidinha e por quecas esquizofrénicas, sejam elas rapidinhas (não vá aparecer alguém) ou demoradíssimas, até cheirar a queimado, como nos filmes pornográficos.

No caso da comidinha que lhes apetece, de duas, uma: ou é uma merda ou é demais. No caso das quecas – e já que se trata de uma cavalgada alucinante, rumo, não ao pôr do sol, como nas cobiadas, mas à alvorada-da-solidão – direi que o estrogénio anda à rédea solta e a testosterona tomou o freio nos dentes. Mas como é perigoso generalizar, direi-vos-ei que o referido destrambelhamento hormonal só se verifica na maioria do cardume; uma minoria já acalmou. Acalmou, não porque as hormonas tivessem preferido a velocidade de cruzeiro à aceleração desenfreada, mas sim porque, com a idade, caiu um sossego pesado no salão onde decorria a sua dança carnavalesca.

Resta referir um grupinho – muito pequenino - que se porta decentemente. Mas, segundo estatísticas recentes, a maioria revolve-se nos braços viscosos da infelicidade. Se não for pelos motivos citados, por outros será, porque “a vida por vezes atrofia”, como a minha Musa Menina me levou a escrever num poema¹.

Falta-me referir aqueles elementos do cardume humano em quem as hormonas sexuais ganharam medo de exercer as suas funções como deve ser. Resultado: desataram a escrever poemas de amor, que ilustram, nas redes sociais, com fotografias mostrando o que eles gostariam de fazer com alguém, mas não conseguem. Na fábula do Esopo, a raposa, não podendo chegar às uvas, disse que estavam verdes; entre os animais humanos, os lobos e as lobas frustrados, dizem que as uvas estão maduras, só que não conseguem comer quantas lhes apetece.

Neste sector do cardume humano, elas choram a saudade do macho que se pirou, depois de lhes ter jurado que blá, blá, blá; os machos lamentam-se porque a ingrata troco-o por outro. Daí a sua compreensível frustração que, frequentemente, descarregam dando porrada nelas. Sim, porque um homem não é de pau. Eu, que desabafo sem dar porrada seja em quem for, falo para o boneco e para a boneca de porcelana que tenho aqui na sala; eles têm vontade de comprar uma, insuflável.

Sabem o que me arrepia, meus amigos? É que... Quê?... Têm de se ir embora? Então temos de ficar por aqui. Até à próxima, meus amigos. Tenham cuidado com os sacos de plástico que andam por aí a boiar. Fiquem com Deus. Quer dizer, com Neptuno.

Tavira, 23.03.2019

¹ <http://www.simbioses.org/a-lucidez-necessaria/>